



PROSPECTIVA. Revista de Trabajo
Social e intervención social

ISSN: 0122-1213

revista.prospectiva@correounivalle.edu.c

o

Universidad del Valle
Colombia

da Costa Masullo, Alessandra Sávia; Rufino Braga, Osmar
Juventudes e diferença: uma reflexão a partir de confetos
PROSPECTIVA. Revista de Trabajo Social e intervención social, núm. 15, octubre, 2010
Universidad del Valle
Bogotá, Colombia

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=574261389011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Juventudes e diferença: uma reflexão a partir de confetos

Juventud y diferencia: una reflexión a partir de los conflictos

Alessandra Sávia da Costa Masullo¹

Osmar Rufino Braga²

Resumo

Este trabalho, que é resultado de uma pesquisa realizada com jovens das classes populares da periferia da cidade de Fortaleza (CE), no Brasil, procura fazer uma reflexão sobre o tema da *diferença*, cujas questões instigadoras são: o que é ser um/uma jovem diferente? O que é a diferença? Que sentido e significado têm essa diferença? O tema tem uma dupla dimensão política: ora nos desafia a pensar sobre a realidade de um setor minorizado e excluído da nossa sociedade (adolescentes e jovens negros e negras, indígenas, deficientes, homossexuais e lésbicas), ora sobre a questão da diferença, tema delicado, complexo e conflitivo, que faz emergir uma série de outras questões. A *diferença* vem sendo objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais desde os anos de 1970.

Palavras-chave

Diferença, juventude, confeto.

Resumen

Este trabajo resulta de una investigación llevada a cabo con jóvenes de clases populares de la ciudad de Fortaleza (Ceará), en Brazil, busca hacer una reflexión sobre el tema de la diferencia, cuyas cuestiones instigadoras son: ¿Qué es ser un/una joven diferente? ¿Qué es la diferencia? ¿Qué sentido y significado tiene esa diferencia? El tema tiene una doble dimensión política: nos desafia a pensar sobre la realidad de un sector que es minoría y excluído de nuestra sociedad (adolescentes y jóvenes negros y negras, indígenas, minusvalidos, homosexuales y lesbianas), sobre la cuestión de la diferencia, tema delicado,

¹ Assistente Social e aluna do Curso de Especialização “Serviço Social, Políticas Públicas e Direitos Sociais” da Universidade Estadual do Ceará. alessandramasullo@gmail.com

² Pedagogo, Mestre e Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Orientadora: Ângela Maria Bessa Linhares, professora titular da Universidade Federal do Ceará. Instituição de apoio: CAPES /PROPAG. osmar_rufino@yahoo.com.br. Artículo recibido el 15 de agosto de 2010 y aprobado el 18 de septiembre de 2010.

complejo y conflictivo, que hace emerger una serie de otras cuestiones. La diferencia es objeto de estudios de las Ciencias Sociales desde 1970.

Palabras clave

Diferencia, juventud, conflicto.

Sumario

1. Introducción; 2. Las representaciones de la diferencia; análisis de la producción plástica; 2.1. La diferencia: lo que dicen los conflictos; 2.2. Algunas visiones sobre la juventud en la sociedad actual; 2.3. La juventud y el paradojo “rosa negra-destrucción”; 2.4. Identidad: categoría “fuego-disculpa”; 3. Consideraciones finales; 4. Bibliografía.

1. Introdução

O presente artigo é resultante de uma pesquisa, envolvendo jovens das classes populares da periferia da capital e região metropolitana de Fortaleza, ligados ao Projeto “Jovens Diferentes por uma Cultura de Paz”, desenvolvido por Organizações Não-governamentais³ (ONG’s). Foi este projeto que nos instigou a pensar a questão da *diferença*, objeto de reflexão neste artigo. As perguntas instigadoras e que atravessaram a investigação foram as seguintes: o que é ser um/uma jovem diferente? O que é a diferença? Que sentidos e significados têm essa diferença?

O tema, como é possível perceber, tem uma dupla dimensão política: ora nos desafia a pensar sobre a realidade de um setor minorizado e excluído da nossa sociedade, adolescentes e jovens negros e negras, indígenas, deficientes, homossexuais e lésbicas da

³ O Projeto foi desenvolvido em parceria pelo Instituto Banco Palmas, CDCJN - Conselho de Desenvolvimento Comunitário Jardim da Natureza, AMORDOCE- Associação dos Moradores Organizados do Riacho Doce, FDC - Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes, MNU- Movimento Negro Unificado, e com o apoio da Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE. Foram realizados seminários temáticos para discutir políticas públicas de inclusão de jovens de baixa renda, jovens índios, negros e negras, homossexuais, deficientes. Participaram 150 jovens envolvidos com os trabalhos comunitários das entidades citadas. Ao final, foi elaborado um documento com a síntese das reflexões e sugestões dos e das jovens para serem apresentadas e discutidas com o poder público.

periferia de Fortaleza; ora sobre a questão da diferença, tema delicado, complexo e conflitivo, que faz emergir uma série de outras questões. Em virtude dos limites deste trabalho, trataremos apenas da questão central que é refletir sobre os sentidos e os significados de ser um/uma jovem diferente.

O tema da *diferença* vem sendo objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais desde os anos 70, assumindo outros nomes relacionados às questões culturais, como: multiculturalismo, diversidade cultural, pluralismo cultural, dentre outros. Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar a contribuição da Antropologia Culturalista que, segundo Gonçalves (2004), gerou um conjunto de conhecimentos sobre a diversidade do gênero humano, no qual todas as formas de dominação, justificadas como sendo resultante de uma lei qualquer da natureza (logo, imutáveis), passam a ser vistas como de fato são: um ato de pura arbitrariedade. Portanto, do ponto de vista conceitual, podemos dizer que as teorias culturalistas contribuíram de forma significativa - embasando e preparando movimentos de protestos contra os modelos de dominação cultural vigente - para que as chamadas minorias étnicas (negros, índios, mulheres, homossexuais, deficientes, etc.) começassem a questionar e colocar em xeque todos os critérios e formas que as classificavam como inferiores aos demais grupos dominantes.

Nossa reflexão não parte das teorias dadas ou sistematizadas, relacionadas ao tema em questão, mas da produção e construção coletiva de confetos⁴, a partir dos quais são feitas as reflexões e análises, confrontando-os com os conceitos instituídos, num diálogo divergente, convergente, crítico, respeitoso e aberto. Portanto, parte das reflexões compartilhadas neste artigo está ancorada na Sociopoética⁵.

⁴ Confetos são perceptos estéticos e afetos que criam um estar-no-mundo que favorecem a emergência de figuras sensíveis, emocionais, intuitivas e estéticas (Gauthier, 2005). Os confetos a que nos referimos foram produzidos pelos e pelas jovens participantes da investigação referida neste trabalho através de técnicas e vivências que mobilizaram e reativaram suas capacidades criativas e imaginárias, criando uma cientificidade mais humana (Petit, 2005).

⁵ A Sociopoética é uma proposta metodológica de pesquisa que tem seus sujeitos como produtores de conhecimento, onde todos os integrantes da pesquisa constituem o grupo-pesquisador, e o pesquisador ou

Esclarecemos que não faremos uma reflexão sobre a diferença a partir de cada um dos sujeitos e de cada uma das sujeitas, tomando-os/as em suas especificidades ou singularidades (ser jovem negro, negra, índio, índia, deficiente, homossexual, lésbica), levando em conta as dimensões sexual, identitária, étnica, geracional, social, dentre outras. Para efeito de nossa análise e reflexões, tomaremos esses segmentos como setores *excluídos* e *minorizados* na sociedade. Interessa-nos, pois, refletir sobre como e por que esses segmentos minorizados e excluídos são *diferentes*, ou como vivem essa diferença.

Para fazer as reflexões sobre o tema deste trabalho, tomando como base os confetos referidos acima, referenciaremos-nos nos autores e autoras das Ciências Sociais e Humanas, particularmente naqueles que estão discutindo sobre o tema *juventude* e *diferença*. Para a categoria *juventude* tomaremos como referência as idéias de Kelma Mattos (2001) no seu trabalho “Juventude e Escola, desvendando teias dos significados entre encontros e desencontros”; de Marília Spósito (1996), cujo trabalho é “Juventude e Contemporaneidade”; Helena Abramo (1997), contidas no trabalho “Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil”; de Alberto Melucci (1997), no seu trabalho “Juventude, tempo e movimentos sociais”, dentre outros que tematizam as questões da juventude. No que tange à temática da diferença, apoiamo-nos em Deleuze e Guattari (1992), cujas idéias estão na obra “O que é filosofia”; em Guattari e Rolnik (1996), no trabalho “Micropolítica, cartografias do desejo”; em Regina Schopke (2004), que faz uma belíssima incursão sobre o pensamento de Deleuze no trabalho chamado “Por uma filosofia

pesquisadora oficial é tido como facilitador ou facilitadora, catalisadores ou interceptores no processo da pesquisa. Foi criada pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier, a partir de suas experiências na Nova Caledônia, no Pacífico, e também das vivências aqui no Brasil, particularmente na Bahia, onde contou com contribuições da Doutora em Enfermagem Iraci dos Santos, na construção do método da Sociopoética (Petit, 2005). No método sociopoético realizamos a oficina de produção plástica, que é o momento em que o grupo-pesquisador se reúne para produzir os dados da pesquisa que devem ser expressados, produzidos de maneira criativa. Em seguida realizamos a análise da produção plástica, que é o momento em que o facilitador/a busca interpretar ou explicitar os dados produzidos pelo grupo-pesquisador. O objetivo desta análise é descobrir através de uma leitura intuitiva o que os desenhos, figuras, o que o material produzido nos comunica. Na última etapa realizamos a análise filosófica, que consiste numa reflexão sobre os dados trabalhados nas análises, feita pelo facilitador/a que, a partir de referenciais teóricos escolhidos, busca confrontar os confetos identificados na pesquisa com os conceitos instituídos, construindo suas conclusões e descobertas.

da diferença”; em P. McLarem (2000), tendo como referência a obra “Multiculturalismo crítico”; e nas idéias de Jaques Gauthier e Sandra Petit, autores da Sociopoética.

O texto está, pois, organizado em duas partes: na primeira, apresentamos os resultados da análise plástica⁶ da produção dos jovens e das jovens na oficina “Travessia do/da jovem diferente”, com as técnicas “travessia” e “tarô dos quatro elementos”, onde exploramos as representações sobre a questão da diferença, a partir da subjetividade dos jovens e das jovens, analisadas intuitivamente; na segunda parte, apresentamos a análise filosófica⁷ e os confetos produzidos pelos jovens e pelas jovens, confrontando-os com os conceitos instituídos. Nas considerações finais apresentamos nossas conclusões.

2. As representações da diferença: analisando a produção plástica

A metodologia da Sociopoética, através das técnicas da “travessia” e do “tarô dos quatro elementos” aplicadas junto aos/às jovens do Projeto “Jovens Diferentes por uma Cultura de Paz”, nos permitiu entrar em contato com os/as jovens de maneira subjetiva, acessando visões e dimensões importantes para compreender a questão da diferença e as simbologias que ela assume para cada um e cada uma, como percebemos no movimento de observação das cartas.

A “travessia do jovem diferente” cortou momentos da vida dos/das jovens, atravessou-lhes os corpos para tocar, o que então lhes parecia intocável e intangível: a alma.

⁶ Corresponde ao momento da pesquisa em que o facilitador analisa ou busca interpretar os dados da pesquisa, produzidos na oficina de produção plástica. O objetivo é descobrir através de uma leitura intuitiva o que os desenhos, as figuras, enfim, o que os materiais produzidos nos comunicam.

⁷ A análise filosófica consiste numa reflexão sobre os dados trabalhados nas análises plástica, classificatória e transversal, feitas pelo facilitador, que, a partir dos referenciais teóricos escolhidos, busca confrontar os confetos identificados na pesquisa com os conceitos instituídos, construindo conclusões e descobertas.

Desta maneira, deparamo-nos com alguns retratos dessa viagem, como na carta chamada *Vida*. Nela, observamos uma casa aparecer à beira do rio, rodeada de plantas grandes, como os pés de capim santo, gigantes, que se mexiam numa ventania. A casa nos faz lembrar da simbologia que a relaciona ao lugar central da personalidade do ser, o “eu” ou o ponto de equilíbrio das pessoas, muitas vezes também relacionada à moradia do eu, “o corpo”. Algo (ventania) ameaça o corpo e a alma do viajante, seu ser ou seu eixo de equilíbrio (casa). E o sol, aquele que aquece, ilumina, que é necessário à manutenção da vida na natureza, apresenta-se quadrado e cheio de riscos, lembrando a raiz de uma planta. Ele parece afetado pela ventania, mostrando que nos lugares mais recônditos do viajante há conflitos, que suas certezas podem estar abaladas. Mas, quais seriam os conflitos do/da jovem diferente? O desenho também dá uma impressão de quietude, tranquilidade e ao mesmo tempo de inquietação. Traz uma idéia de movimento, de coisas que se mexem com o vento. De frente e costas, verso e reverso, traços sobrepostos, coisas que não ficam nos lugares e ao mesmo tempo estão paradas. Pegamos a folha e viramos, girando-a; vemos que os desenhos, que ora dão a idéia de estarem de cabeça para baixo, movimentam-se numa seqüência circular, como numa roda. Simultaneamente, ele transmite uma calma, no que a própria paisagem sugere: uma casinha, árvores, flores, um rio, coisas que criam um ambiente tranquilo, sereno. O depoimento deste jovem é significativo desta nossa interpretação:

Aparece uma casinha de vez em quando... Uma casinha, mas a viagem praticamente toda é de plantas, e eu lembro de uma viagem que eu fui pra Guaramiranga que no caminho tinha um local onde era um sítio com patinhos andando dentro da água e tal... E eu passei umas duas vezes por esse mesmo local (...). Eu dentro de um ônibus, na verdade eu imaginei um ônibus, e aqui do lado uma casinha e uma estrada que só tinha árvores e mais árvores de um lado e de outro, então eu só via árvores, eu não via casas. E numa parte do caminho tinha casas e muitas plantas, normalmente no interior você vê isso. (Jovem do projeto.).

Algumas cenas durante a “travessia” são bem marcantes, como a rosa carnívora e o balão, na carta *Socorro*. A rosa, ao oposto do que se poderia pensar, não é delicada, é feia, carnívora e solta fogo pela boca. A rosa é preta, como preta é a cor da pele de muitos e

muitas jovens. O estigma de ser negro e ser marginal, dado como feio, que não presta, está presente aqui. A baixa auto-estima, o desejo de ser aceito! Às vezes, o viajante é a rosa, que ao mesmo tempo é linda e é um monstro, outras vezes o balão é o próprio viajante. É como se a carta quisesse nos dizer que em todos nós convivem uma flor, bela e delicada, e um monstro feio e destruidor. A rosa quer destruir o balão, que é lindo, leve, livre e vermelho, e ao mesmo tempo frágil, indefeso. Mas a flor também quer ser livre, quer que o balão flutue, que a salve e a leve embora dali, mudando sua condição de vida. Será que a jovem ou o jovem diferente espera um salvador? Vejamos como esse jovem descreve sua viagem, apresentando os elementos interpretados acima:

Essa coisinha aqui no meio é uma rosa negra, onde no momento que nós estávamos viajando ela aparecia de vez em quando na minha frente, onde essa rosa eu me identificava sendo ela, onde essa rosa seria eu, e no meio dessa rosa tinha coisas que queriam acabar comigo. Por que a rosa negra? Por que minha vida passada não foi feliz. Eu penso assim. Aí, no caso, onde a gente tava mexendo com o ar, ou seja, tem um vento que quer me jogar pra cima e tem as coisinhas que querem me levar pra baixo, onde essa rosa sou eu e as coisinhas levando pra baixo, no caso tem o vento que quer sempre me empurrar, levar pra cima (...). Era o momento de socorro, é mais pra pedir socorro mesmo, que eu sempre sou abandonado, que eu sempre sou- como é que se diz? Excluído? Excluído. É verdade. (...) O pessoal não me aceita do jeito que eu sou, sempre quer que eu seja de uma forma que todo mundo quer que eu seja. Mas eu não quero ser de outra forma, eu quero ser do meu jeito! É isso aí (...). Eu tanto viajei que teve momento que você parou de falar e eu me espantava, sentia um choque dentro de mim, ficava com medo na hora que eu despertava assim, eu não tinha noção: ‘onde é que eu tô? Será que foi todo mundo embora?’ (jovem do projeto).

E os conflitos continuam durante a “travessia do jovem diferente”. A carta chamada *Afetividade* nos traz outros elementos. Ela vem nos falar da família. Percebemos então os confrontos entre a vida urbana e a vida rural de alguns jovens, com forte ênfase na família, pois ela é o elemento que mais sobressai no desenho. Os detalhes dos cabelos das pessoas foram feitos delicadamente, mostrando que elas têm uma grande importância aqui. Os semblantes revelam um sentimento de bem-estar, que se contrapõe ao coração acorrentado e com lágrimas amarelas. As lágrimas denunciam a relação com a mãe, que tem os cabelos da mesma cor. Talvez a dor da saudade dela ou a sua incompreensão diante da atitude da filha que sai de casa para viver na cidade grande, longe da família. O desenho de um dos

prédios que entra na casa, bem ao lado da mãe, mostra que o desejo e o conflito estavam presentes naquele cotidiano. O carro, na pista de asfalto, que faz parte do cenário da grande cidade também é amarelo, reforçando o sentimento de dor que vai acompanhando o viajante na “travessia”. É um desenho triste, que revela solidão e coragem, como se ser um jovem diferente significasse encarar a dor, a solidão e ser seu próprio salvador, largando a família para buscar coisas novas e seguir seu caminho, plantando seus sonhos nas possibilidades de construir algo novo. Parte do depoimento deste jovem é reveladora de nossas observações:

Eu iniciei (...) perto da natureza, de repente um momento da viagem eu senti um baque como se mudasse tudo e voltasse pro centro da minha família. Aí fui lembrar de todo momento, eu não sei da onde surgiu esse sentimento, essa lembrança de quando criança. Nessa fase da minha infância houve uma grande tribulação. Nesse retrato mostra... Eu quis mostrar assim, que... Esses prédios que representa... É como se hoje fosse eu tendo que encarar a realidade, a sociedade (...) voltar, pra mim, nesse momento da minha família foi assim tomar um susto. Por que essa lembrança agora? Então eu percebi que era uma afetividade um pouco balançada no seio da família (Jovem do projeto).

Na carta *Paz*, o desenho tem traços infantis, parece desenho de criança. Desperta o lúdico, o criativo, dá uma vontade de olhar de outros ângulos e ver coisas além, como por exemplo, um nariz gigante no lugar da rocha. É interessante perceber que, nesta carta, os desenhos que foram feitos com a argila têm características opostas: um, a dureza (a rocha); o outro, a leveza (os pássaros). Será que “ser jovem diferente” significa experimentar os extremos e ter essa ludicidade, brincadeira, liberdade? Ter todas as possibilidades de ousar para além da lógica ou da racionalidade cartesiana que herdamos (e incorporamos tão bem quando adultos)? Parece que tudo é possível! Até fazer uma rocha e um mar, no ar, soltos! Um arco-íris em tom de verde e um nariz gigante marrom para cheirar as coisas boas da vida!

Cheirar! Cheirar? Fumar também? A droga faz parte do cotidiano dos/das jovens diferentes? Observamos que ela aparece de forma sutil nessa “travessia”, camuflada: o coqueiro-maconha. Na carta *Vitória*, por causa do que o ser humano tem feito consigo mesmo e com os outros seres, Deus despejou toda sua ira. E na briga do ser humano com a natureza e com o próprio Deus, o coqueiro-maconha foi o único sobrevivente. A carta

revela, num contexto de destruição, um desejo, e revela também um sentimento de culpa; uma idéia de punição, castigo, e a esperança da salvação, uma fuga.

A “travessia do jovem diferente” vai seguindo, trazendo em cada imagem novas reflexões. A carta de nome *Harmonia* mostra um desenho rústico, feito sem acabamento. Dá-nos a impressão de que foi feito sem preocupação. Amigos em volta de uma fogueira, um gostoso bate-papo. À noite, a lua, o prazer com o toque do vento. E a felicidade já está presente. Felicidade que contamina e que desperta em nós uma alegria contagiante. Alegria, coisa típica da infância é assim, pega! Passa logo de uma pessoa para a outra, como brincar de pega-pega, como o riso, o bocejo. O desenho nos faz pensar na simplicidade da vida, em como pode haver amor, emoção e harmonia nas coisas simples e aparentemente banais. A carta *Ser diferente é normal* chama a atenção para as diferenças, vem nos falar sobre a aceitação e o respeito a todo tipo de gente diferente: homens, mulheres, negros, negras, crianças, homossexuais, índios, índias, brancos, brancas e deficientes físicos. A carta nos lembra que são das pessoas que estamos falando o tempo todo, pois nelas é que a diferença se manifesta e se expressa pela subjetividade.

O jogo de cartas não nos fala de futuro, mas de algo bem presente, do mundo infinito e tão particular que é o jovem, a jovem, atravessados e atravessadas de emoções; do quanto é diverso e complexo o grupo. Na “travessia do/da jovem diferente”, através dos momentos capturados pelas cartas, a alma se apresentou e se desnudou, desafiando-nos a perceber a vastidão do que é ser diferente; a reconhecer que todos e todas trazemos, em nós mesmos/mesmas, devires de ser algo que não somos, ou que ainda não fomos, como num filme em que os atores e as atrizes contam uma história, que pode ou não ser as suas histórias, e que a contam através de personagens que não são eles, mas que fazem parte deles, e em que, não sendo esses personagens, acabam também incorporando elementos da sua maneira de ser.

2.1.A diferença: o que dizem os confetos

No processo de investigação, identificamos dois confetos relacionados ao tema da diferença, quais sejam: “rosa-negra” e “fogo-desculpa”. Nesta parte do trabalho, a partir de um movimento dialógico e relacional, confrontamos os confetos com os conceitos construídos por pensadores/pensadoras já consagrados/consagradas, atividade que qualificamos como análise filosófica. Essa forma de diálogo e reflexão está ancorada nas idéias de Deleuze e Guattari (2004: 46), que definem filosofia como “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. Esta “arte”, porém, não é uma atividade reservada a especialistas, pois ela parte sempre de um “plano de imanência”, isto é, de um processo em que os sujeitos, a partir de si mesmos e do contexto no qual vivem, colocam para si problemas/situações, que são, ao mesmo tempo, universais e contextualizados; de um “plano de consistência”, onde as idéias iniciais se interconectam na construção de conceitos mais elaborados e abstratos; de “personagens filosóficos”, entendidos como modos de pensar que os sujeitos criam na busca dos sentidos e explicações da realidade que os cerca. Esses modos de pensar estão carregados de intensidades, de afetos, estéticas que configuram uma maneira de estar-no-mundo, favorecendo a emergência de um processo em que os sujeitos criam conceitos para explicá-los.

O conceito, segundo estes autores, é “um incorporal, é um acontecimento puro” (Deleuze e Guattari, 2004:140). Isto é, um conjunto de proposições que explicam os acontecimentos. Segundo esses autores, a filosofia não pode ser associada nem à reflexão, nem à contemplação, nem à comunicação, pois, como diz Silveira:

Ela (a filosofia) não é contemplação, pois as contemplações são as coisas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja (...). E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, para criar o consenso e não o conceito (2004: 145).

Portanto, o conceito não tem nada a ver com a definição de uma verdade última sobre algo, pois ele é da ordem do acontecimento, não da essência. Sempre está ligado à verdade que lhe é possível, às condições em que é criado, aos nossos problemas, à nossa história, principalmente aos nossos devires (Deleuze; Guattari, 1997).

Inicialmente dialogamos com os conceitos de *juventude*, categoria importante e central na investigação referida nesse trabalho, e próxima do tema da *diferença*, uma vez que estamos preocupados com a questão: o que é ser um/uma jovem diferente. Depois, confrontando os confetos com esses conceitos, refletimos sobre a *diferença*. Ao final, compartilhamos nossas conclusões.

2.2. Algumas visões sobre a juventude na sociedade atual

Para muitos autores e autoras a juventude é uma categoria da sociedade ocidental moderna muito difícil de conceituar. Corti e Souza (2005) defendem que a juventude assume essa configuração a partir do século XIX, consolidando-se apenas no século XX, quando passa a veicular novos significados, expectativas, especificidades e campos simbólicos. Essas autoras explicam que a moderna concepção de juventude referiu-se, num primeiro momento, àqueles indivíduos que participavam em condição privilegiada das novas possibilidades abertas pelo desenvolvimento capitalista, principalmente a de protelar a entrada na atividade produtiva, dedicando um período da vida a sua formação.

O serviço militar também contribuiu para o delineamento desta nova concepção de juventude, na medida em que esta atividade assumiu um caráter compulsório que o transformou em um dever de todos os cidadãos jovens do sexo masculino, embora seu impacto tenha sido diverso nos diferentes países e, dentro deles, entre as diferentes classes sociais. O fato é que, para a juventude, o serviço militar assumiu um peso de iniciação no mundo do trabalho.

Assim é que Corti e Souza (2005) concluem que a modernidade sedimenta uma concepção de juventude com as seguintes características: delimitação de um período de preparação e de espera para a entrada na vida produtiva; juventude e adolescência calcadas nas classes altas e médias, transformando suas imagens em modelo privilegiado, gerando um estranhamento e incompreensão das sociedades diante das novas juventudes, provenientes dos setores populares; descronologização, dificultando a definição de limites etários; configuração de modelos culturais, em que os jovens passam a representar valores e estilos de vida bastante perseguidos, como a saúde, a beleza, a alegria, a coragem e disposição para o novo; fluidez e complexidade, uma vez que a juventude representaria um processo dinâmico de construção de significados, que envolve não só as representações que a sociedade possui sobre os jovens, mas também a percepção que os jovens têm sobre sua condição. Assim, a juventude seria um período de transição, um processo de construção social, implicando não em fases biológicas e fisiológicas, mas no exercício de papéis sociais, conforme as sociedades em que ela se encontra.

Com base em vários autores (Spósito, 1996/1997; Abramo, 1997; Melucci, 1997; Groppo, 2000; Mattos, 2001), defendemos que a juventude deve ser percebida “enquanto um assumir-se culturalmente, independente da faixa etária, diante de contextos diferenciados, e de um tempo de improvisações e provisoriedade” (Mattos, 2001:64), embora a Organização Internacional do Trabalho (OIT) tenha definido apontando que de 15 a 19 anos ainda se é adolescente, e de 20 a 24, jovem. Mattos (2001) mostra, citando Levi e Schmidt (1996), que a primeira questão que caracteriza a juventude é o limite, uma vez que ela se situa no interior de margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta; situa-se naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder.

Essa afirmação nos remete à idéia de passagem, em que o/a adolescente, o/a jovem, na busca da afirmação do que quer ser, ainda não é, vai se fazendo, é um “vir a ser”. Então ser jovem, segundo esta perspectiva é um processo ambíguo, incerto, em que a vida do indivíduo oscila entre a responsabilidade e a brincadeira, os direitos e os deveres, o não ser mais criança e o ainda não ser adulto (Mattos, 2001).

Outra questão interessante, que também pode ajudar a entender os/as jovens de nosso tempo, é o que diz respeito ao aspecto biológico e geracional. Mattos (2001) defende com Novaes (2000) que não podemos generalizar o termo juventude, visto que jovens de uma mesma geração podem compartilhar ou não vivências, crenças e experiências. Esse fato revela que não há uma juventude e sim juventudes, pois os/as jovens de uma mesma época e tempo podem viver de forma diferente, em condições diversificadas e com graus de sentido distintos, suas experiências individuais e coletivas.

Podemos recorrer ainda a duas outras abordagens teóricas que também nos ajudam a melhor compreender os jovens e adolescentes. Tratam-se da abordagem psicanalítica e da sócio-histórica, sendo esta última fortemente apoiada nos estudos de Vygotsky.

Segundo Matheus (2002), a abordagem psicanalítica entende que a adolescência é o trabalho psíquico exigido pela transição do universo infantil, marcado pela instituição familiar, ao chamado mundo adulto, que, por sua vez, é regido pela capacidade de trabalho e pela responsabilidade do sujeito com as próprias ações. É um período ou caminho em que o sujeito busca construir o sentido de sua experiência pessoal e social e a posição que a partir daí irá adotar; essa posição refere-se ao próprio corpo, ao seu objeto de desejo, ao seu lugar de origem (família ou substitutos) e a valores e princípios que pautem sua ação.

A abordagem psicanalítica considera que, a partir do momento em que os/as adolescentes passam a construir outros sentidos para seu corpo de forma ativa, eles/elas se deparam com as diversas formas de sexualidade, uma vez que o corpo biológico, segundo esta mesma perspectiva, não é o mesmo que o corpo sexual. Assim, o/a adolescente, ao se perceber numa nova imagem, busca desprender-se da imagem do corpo infantil, processo que não é simples, pois exige confronto com a dolorosa constatação de que sua infância muitas vezes não foi como gostaria que tivesse sido. Esse fato leva-o (a) a posicionar-se, negativa ou positivamente, frente aos modelos de homem e mulher com os quais se identifica, nos seus diferentes estilos, gostos ou traços, produzindo um modelo próprio, diferente dos anteriores, que lhe permita ver-se como sujeito de sua ação.

O processo de construir uma imagem de si implica, pois, para os/as adolescentes posicionar-se sobre suas escolhas sexuais, o que não depende de uma decisão racional e consciente, pois os remete a desejos que podem parecer incômodos e estranhos, porque escapam de seu controle e trazem uma diversidade de afetos muitas vezes desconhecida.

Desta forma, segundo a Psicanálise, os processos subjetivos vividos na adolescência não são uma mera consequência de transformações orgânicas, mas uma relação de interdependência com estas, sofrendo seus efeitos, mas também nelas interferindo. Portanto, “o corpo adolescente é mais que um organismo, pois nele estão vivas as experiências subjetivas de uma história singular” (Matheus, 2002: 31). Assim, é possível entender o movimento de desligamento ou afastamento dos/das adolescentes do mundo familiar em direção ao campo social mais amplo, processo que implica luta na busca de um novo lugar na família, luta por relações humanas e sociais mais recíprocas, autônomas, horizontais. Esse movimento exige dos/das adolescentes um luto, luto de sua imagem de infância, luto do pai onipotente e da mãe como uma figura maravilhosa. Há, dessa forma, uma perda necessária para que novos lugares sejam construídos, implicando no desprendimento das certezas e seguranças trazidas da infância e dos lugares conhecidos para construir o diferente.

Já a abordagem sócio-histórica busca entender a gênese social do indivíduo. Tenta entender como é o processo de constituição do sujeito a partir das bases teóricas do materialismo histórico. No campo da psicologia, essa abordagem foi construída por autores russos, como Leontiev, Luria e Vygtsky.

Aguiar (2004) explica que esta abordagem percebe o homem, a mulher como seres sociais e históricos, com expressões singulares e individuais. Isto é, cada sujeito é singular, mas essa singularidade está preta e atravessada em todos os seus aspectos do social e da história. Homem e mulher vão construir sua humanidade na dialética com o social. Assim, a adolescência, a juventude não seria o resultado de características pré-determinadas, apostando na existência de uma natureza, como se o adolescente fosse psicologicamente determinado. Ao contrário, esta abordagem defende que a adolescência e a juventude, mesmo constituindo-se em fenômenos particulares, são o resultado de um contexto social e histórico. Desse modo, os processos que ocorrem na adolescência e na juventude podem ter significados diversos, dependendo do contexto social e histórico em que se desenvolvem. As mudanças orgânicas e biológicas na adolescência, bem como na juventude têm, portanto, distintos significados de época em época, em diferentes contextos sociais e históricos.

2.3.A juventude e o paradoxo “rosa negra-destruição”

Na “travessia do/da jovem diferente”, os/as jovens aceitaram percorrer os caminhos da subjetividade, num “lançar-se na estrada”, “na busca de alguma coisa”, “em cima de uma rocha”, “ao redor de uma fogueira”, em encontros parentais, no fluir de desejos, no sentir-se

desterritorializado, num "baque de medo". Nesta travessia fomos percebendo e identificando nos devires, movimentos, expressividades e sofrimentos vividos pelo grupo, os confetos, os quais apresentamos agora. O primeiro confeto é o "rosa negra-destruição".

Percebemos que esse confeto encerra em si uma contradição, um paradoxo. Ao mesmo tempo em que o/a jovem assume um devir-rosa negra, ou seja, associado à beleza, à potência, à delicadeza, ao encanto, à possibilidade, ao futuro, é visto também como excluído, um monstro, coisa feia, devaneio, conflito, um devir-destruição, "vidraça da sociedade".

Observamos também que este confeto vai de encontro às definições e concepções fechadas, deterministas e determinantes, aquelas que enquadram os/as jovens em categorias pré-estabelecidas. O confeto chama a atenção para o fato de que dentro de nós convivem fluxos e devires contraditórios e imprevisíveis, que fogem a categorias socialmente produzidas (Petit, 2005). Essa idéia contesta a concepção segundo a qual a adolescência e a juventude são uma fase marcada por conflitos e transformações no corpo físico e psíquico, em que os indivíduos se vêem diante do desafio da construção e definição de uma imagem ou identidade que seja compatível com a sua faixa etária e padrões sociais. Ora, os corpos infantil, adolescente, jovem e adulto serão sempre afetados por devires, por agenciamentos maquínicos, pontos de desterritorialização, desejos instituintes, que criarão linhas de fuga e colocarão esses corpos diante do mundo, quebrando coerências e coesões discursivas, culturais e sociais. É como Gauthier comenta:

O corpo de cada um de nós é como uma forma de vida, que por ter uma história [...] e raízes ancestrais ainda atuantes, vivas, irradiantes, sabe muitas coisas - algumas claras, outras escuras e outras claras-escuras [...] (1999: 23).

O confeto “rosa negra-destruição” ajuda-nos a entender os sentidos e significados do “que é ser um/uma jovem diferente”, questão em análise neste trabalho. E a diferença reside exatamente no paradoxo, na contradição presente no confeto, que aponta dois movimentos próprios do corpo: o movimento do embotar-se, fechar-se, voltar-se para dentro, na beleza e delicadeza do ser; e o movimento do devaneio, da escuridão, da perdição, do contraditório, do caos. O/a jovem é diferente porque vive de forma mais intensa esses dois movimentos indivisíveis e inaceitáveis pela razão e pelos padrões estabelecidos socialmente, movimentos estes inerentes à vida e à alma humana. Esses movimentos nos lembram da natureza anárquica e rebelde da alma, da vida, porque fogem da ordem física, psicológica e social determinada pela cultura hegemônica da sociedade. Então, a diferença não está na cor da pele, na etnia, na orientação sexual, na faixa etária, na situação especial dos indivíduos, e sim, no assumir esta natureza “rosa negra-destruição”. A sociedade e suas instituições - a família, a igreja, a escola, principalmente - desqualificam e repugnam toda a forma de comportamento, atitude e ação dos jovens que negue o que está posto, fato que constitui sua diferença.

Nesse sentido, é importante observar que, quando os/as jovens se encontravam na produção, explicitação e reflexão sobre seus próprios dados, o confeto “rosa negra-destruição” sempre esteve associado ao vento, à escuridão e à (instituição) família, fatos que nos falam das características dos movimentos acima referidos. Isto nos faz lembrar e recorrer às idéias de Schopke, fazendo referência à filosofia grega:

É do puro devir que nos fala o filósofo de Éfeso; é do eterno movimento das coisas que estão no tempo. Do eterno perecimento e renascimento de tudo o que está no mundo e do próprio mundo. Não vos deixeis enganar - alerta Heráclito. Nossa vista é curta, diria ele, e onde pensamos haver estabilidade só existem devir e movimento perpétuo (...); para Heráclito o ser é devir e movimento; ele está no mundo e se expressa no eterno jogo dos contrários (2004: 49).

Ora, esta referência tem tudo a ver com o confeto, pois nos remete à questão dos devires vividos pelo grupo: o “devir/movimento-rosa-negra” e o “devir/movimento-destruição”. É na vivência e expressão desses devires que os/as jovens mostram sua diferença. Diferença esta que ora se apresenta no fechamento, isolamento, envolvimento, introspecção dos/das jovens, para integrarem-se a si mesmo, ao seu complexo mundo, desnudando sua beleza e encanto, sua natureza dionisíaca, seus desejos e fantasias, projetos individuais; ora se revela no conflito, no caos, na insegurança dos caminhos, no questionamento de si próprio, dos modelos sociais existentes; na imposição de regras que tolhem a liberdade do ser; nos desejos demoníacos. Pensamos que esses devires são as linhas de fuga, através das quais os/as jovens fogem da "subjetividade dominante", imposta pelo Capitalismo e seus padrões sociais.

Segundo Guattari (1996), a subjetivação diz respeito a processos de produção de sentidos, significados, representações, modelos de identidades, signos, símbolos e desejos fabricados e impostos pelo sistema capitalístico, através da linguagem, da família e dos equipamentos que nos rodeiam, ou seja, das máquinas de produção da subjetividade. Essas máquinas funcionam como uma rede de conexão que articula e interliga o sistema de produção, os sistemas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira da sociedade perceber o mundo. Guattari defende que a subjetividade é produzida socialmente, isto é, não é centrada em agentes individuais nem em agentes grupais, implicando:

O funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicas), quanto de natureza infra-humana, infra-psíquica, infra-pessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção de idéia, sistema de inibição e de automatismo, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (1996: 31).

Segundo Rocha (2004), na contemporaneidade, o Capitalismo Mundial Integrado (CMI) implementa um conjunto de políticas de subjetivação como estratégias de uma nova ordem mundial. Segundo essa autora, estamos vivendo um processo de capitalização da vida, diferentemente de períodos anteriores do capitalismo, marcados pela capitalização de mercadorias (bens de produção, bens de consumos e serviços). Nesse sentido, estamos vivendo atualmente uma fase de configuração do social, caracterizada pelo estabelecimento de novas coordenadas nas relações de tempo-espço, criando uma superfície lisa para a expansão ilimitada do capital, que vai sem dúvida afetar os modos de existência em escala planetária (Silva, 2003).

Tomando como referência Deleuze, Foucault e Guattari, Rocha (2004) chama essa nova configuração de “Sociedade de Controle”, que tem sua gênese na eclosão da Segunda Guerra Mundial, despontada por uma tecnologia da regulação. Essa regulação não é voltada somente para o corpo, mas para a vida dos seres humanos. Trata-se, segundo a autora, de uma ingerência sobre os modos de existência, sobre o trabalho imaterial do ser humano. Ou seja, o capitalismo hoje, na sua nova configuração, não está interessado somente na força de trabalho do indivíduo, ele deseja a sua própria alma, o que implica tomá-lo na sua capacidade criativa, dinâmica, autônoma, na sua capacidade de gestar e operar informações, seu poder de engajamento visceral em relação às metas estabelecidas pelas empresas.

A sociedade está, pois, diante de um sistema que busca uma produção de subjetividades caracterizada por uma modelização dos indivíduos, introjetando valores, hábitos, crenças e desejos serializados. As pessoas são trabalhadas de forma individualizada, constituindo-se em meros “produtos de fábrica”, seduzidos pelas imagens da mídia, desejantes das mesmas conquistas de seus pares; e de forma singular, em que o sistema favorece aos indivíduos a criação de modos próprios de relacionar-se com a vida e consigo mesmo, sem deixá-los, porém, fugir dos modelos identitários (Guattari, 1996).

O que vimos até agora nos permite deduzir que os sentidos e os significados de ser um/uma jovem diferente não estão somente nas definições ou conceitos que tomam a adolescência e a juventude como fases de transição, marcadas por determinadas características (físicas, psíquicas, socioculturais) que precisam ser consideradas e compreendidas pela sociedade; não estão apenas na visão segundo a qual a adolescência e a juventude são um “assumir-se culturalmente diante de contextos diferenciados”.

O confeto “rosa negra-destruição”, identificado pelos jovens e pelas jovens, rompe com essas visões, uma vez que ser jovem pode assumir sentidos e significados diversos e contraditórios. Pois somos devires, “afetos que ora nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto e superior” (Deleuze & Parnet, 1998:73).

Os devires “rosa negra-destruição” vividos intensamente pelos jovens e pelas jovens, como já dissemos anteriormente, apontam para uma subjetividade que foge das definições e padrões que querem enquadrar os/as jovens numa teoria ou conceito. O sentido e o significado de ser um/uma jovem diferente estão em poder assumir livremente estes devires, o que nos faz lembrar o conceito de diferença, desenvolvido por Deleuze e Guattari:

(...) é o acontecimento maior do *ser*. Não um acontecimento qualquer e sim o primeiro e o mais significativo de todos. A *diferença* está no cerne do próprio ser, como a sua manifestação mais profunda. O ser, na verdade, se diz da *diferença*. Ele não é “a” diferença em si, no sentido platônico do termo (...). Neste sentido, ela se expressa na multiplicidade e afirma as diferenças que o compõem, não como um todo fechado, nem mesmo como finito ou infinito, mas como um “acabado ilimitado (1992: 78).

O que faz ser um/uma jovem diferente, portanto, é o *ser*. Isto é, expressar o existir nos devires, que implica um viver, um desdobrar as relações, as singularidades, o múltiplo, a

potência de cada um e de cada uma. E o *ser*, enquanto expressão, vivência de devires, de fluxos imprevisíveis e ilimitados não pode ser enquadrado num esquema, numa teoria, numa categoria identitária. Mas a questão da identidade nos coloca diante de outro confeto produzido pelos jovens: o “fogo-desculpa”.

2.4. Identidade: categoria “fogo-desculpa”

*“Onde queres revólver, sou coqueiro
Onde queres dinheiro, sou paixão
Onde queres descanso, sou desejo
E onde sou só desejo, queres não
E onde não queres nada, nada falta
E onde voas bem alto, eu sou o chão
E onde pisas no chão, minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão”.*

Caetano Veloso

As teorias e definições, mesmo que tenham o papel de nos ajudar a explicar, entender os fenômenos e objetos, têm uma tendência a enquadrar esses fenômenos e objetos numa categoria identitária, criando um referencial (teórico), que muitas vezes não consegue acompanhar o movimento vivo, complexo e contraditório dos contextos, dos objetos, dos processos e dos sujeitos individuais e coletivos. O confeto “fogo-desculpa”, criado pelos jovens e pelas jovens, chama a atenção para este fato, contribuindo de forma assertiva para a compreensão do **que é ser um/uma jovem diferente**, contestando duramente a visão segundo a qual todo comportamento, relação social, sistema, grupo, tudo, deve estar circunscrito a uma identidade, seja ela social, política, cultural.

Na “travessia do jovem diferente”, o confeto “fogo-desculpa” aparece exatamente como um caminho, uma linha de fuga, inventada pelos jovens, para não caírem no “buraco da identidade”, lugar no qual não podem *ser* eles mesmos, criativa e singularmente.

Na travessia, o fogo não aparece como luz, força, energia que fortalece e empondera o corpo, mas como um lugar onde os/as jovens se refugiam e se retiram, lugar ao redor do qual derramam suas lágrimas, expõem suas frustrações, angústias, conflitos, devaneios, onde assumem um “devir-fumaça”, para mostrar o que não são e não podem ser. O “devir-fumaça” é a forma que encontram para fingir, desculpar, esconder a ressonância de seus desejos, quereres, sonhos, vibrações, projetos, sua “vontade de potência”; o “devir-fumaça” é o choro, o “ranger de dentes” sem razão de ser, que ninguém nunca vai entender, porque está no campo da fuga, dos fluxos inexplicáveis do ego.

Portanto, a identidade é a categoria “fogo-desculpa”, categoria esta que se opõe à diferença. O enquadramento do *ser jovem* em um referencial identitário interessa à sociedade capitalística e suas instituições, pois ela circunscreve a vida juvenil, seus contextos, problemas, necessidades, conflitos, desejos à subjetividade dominante, impedindo os jovens de viverem as suas singularidades. Essa afirmação encontra apoio no que diz Guattari:

Identidade e singularidade são duas coisas completamente diferentes. A singularidade é um conceito existencial; já a identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários [...]. A identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável [...]. Ora, o que interessa a subjetividade capitalística, não é o processo de singularização, mas justamente esse resultado do processo, resultado de sua circunscrição a modos de identificação dessa subjetividade dominante (1996: 68).

Será que as teorias e definições que tentam enquadrar ou categorizar os jovens em determinados referenciais, não participam destes processos de agenciamentos maquínicos,

voltados para a sistematização de identificações da juventude apropriadas à sociedade dominante? Defendemos que sim, pois os conceitos não estão isentos desses processos de agenciamentos e capturações do pensamento dominante. Como já vimos, interessa ao CMI a produção e o controle não só das instituições e máquinas produtivas, mas das idéias, dos mecanismos de transmissão de significações, dos modelos de identidade ou identificações com pólos maternos, paternos; das instâncias psíquicas, da maneira de perceber o mundo (Guattari, 1996).

Podemos dizer então que o **sentido e o significado de ser um/uma jovem diferente** têm a ver com a não afirmação de processos que visam criar ou imprimir uma identidade aos jovens e às jovens, pois estes processos poderiam equivaler ao enquadramento e “prisão” de suas singularidades, entendidas aqui conforme Guattari neste trecho:

As singularidades são os verdadeiros acontecimentos transcendentais [...]. Longe de serem individuais ou pessoais, as singularidades presidem à gênese dos indivíduos e das pessoas: elas se repartem em um “potencial” que não comporta por si mesmo nem o Ego individual, nem o Eu pessoal, mas que os produz atualizando-se (1996, p. 69).

Portanto, as singularidades têm a ver com a maneira como, em princípio, todos os elementos que constituem o Ego funcionam e se articulam; ou seja, a maneira como sentimos, como respiramos, como pensamos, enfim, as singularidades são aqueles elementos genealógicos que orientam nossa existência, condição fundamental para que a vida se crie e recrie no tempo, no espaço, na história.

Contudo, muitos poderiam perguntar: é possível, no contexto do CMI, viver essas singularidades, ou fugir das identificações? Trazendo a questão para o nosso tema em estudo: seria possível aos jovens e às jovens, de fato, mostrarem sua diferença, isto é, viverem suas singularidades?

Acreditamos que sim, pois, observando a “travessia do/da jovem diferente”, são os próprios jovens e as próprias jovens que criam seus devires, as linhas de fuga, a exemplo do devir “fogo-desculpa”, para afirmarem e viverem as suas diferenças, isto é suas singularidades. Ora, os devires são a possibilidade ou não (ou o meio) de um processo de singularização. Os devires podem entrar em ruptura com as representações e identificações dominantes. E o caminho para isso, acreditamos, não está na idéia de reconhecimento da identidade dos/das jovens como setores estigmatizados e minorizados na sociedade, mas está no fortalecimento da multiplicidade e da pluralidade, ou seja, no reforço às idéias e processo transversais de construção social de devires subjetivos que se instauram através dos indivíduos e dos grupos sociais (Guattari, 1996); no favorecimento de travessias que permitam aos jovens e às jovens, ao seu modo, construir os seus devires, linhas de fuga, fluxos “rosa-negra destruição” para viverem suas singularidades.

Temos clareza de que a idéia da diferença – tida como monstro e mal que precisa ser extinto na sociedade atual – não se processa de maneira tranqüila. Ela implica uma luta, que é conflitiva, não é harmoniosa e nem consensual; ela é fruto, produto da história, da cultura, poder e ideologia (McLaren, 2000). Isto chama a nossa atenção para o fato de que a **travessia** para **ser um/uma jovem diferente** precisa ser situada no processo histórico e social, tendo-se o cuidado para não deixar esta luta cair no campo das representações políticas oficiais, acadêmicas e “onguianas” (de ONGs), o que poderia indicar processos maquínicos de capturação de subjetividades e imposição de generalizações e identificações.

O próprio confeto “fogo-desculpa” sugere que, nessa luta, não se pode cair nas formas tradicionais e binárias de ação e intervenção (dominador-dominado, opressor-oprimido, etc.), mas pensar e buscar formas, caminhos, travessias emergentes, inconscientes, míticas, desterritorializadoras/reterritorializadoras, muitas vezes situadas às margens, nos interstícios e no meio da fumaça dos processos e relações individuais e coletivas; no fluir das energias e formas cambiantes de pensamento e vivências. Estas formas, caminhos, travessias tem a ver com o que Guattari (1996: 54 e 46) chama de “revolução molecular”:

Revolução molecular consiste em produzir as condições não só de uma vida coletiva, mas também da encarnação da vida para si próprio, tanto no campo material, quanto no campo subjetivo. A idéia da revolução molecular diz respeito a todos os níveis: infrapessoais (o que está em jogo no sonho, na criação, etc); pessoais (por exemplo, as relações de auto-dominação, aquilo que os psicanalistas chamam de Superego); e interpessoais (a invenção de novas formas de sociabilidade na vida doméstica, amorosa, profissional, na relação com a vizinhança, com a escola, etc.).

Afirmar, pois, o **ser jovem diferente**, implica criar e favorecer lugares, contextos, situações, processos, relações em que os próprios jovens e as próprias jovens criem seus próprios modos de referência, suas cartografias, inventem sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante. Implica empreender junto aos jovens/às jovens e em si mesmos ações e processos micropolíticos, que nada mais são que inventar e assumir devires (emancipatórios), outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outras percepções, capazes de chocar e perfurar o muro da subjetividade capitalística. Acreditamos, com Guattari, quando diz: “Em qualquer escala que essas lutas se expressem ou se agenciem, elas têm um alcance político, pois tendem a questionar esse sistema (capitalístico) de produção de subjetividade” (1996: 50).

3. Considerações Finais

Ao final deste texto, depois de operarmos uma “travessia” buscando refletir sobre a diferença a partir da análise plástica e dos confetos, confrontados com os conceitos de alguns autores e autoras, é hora de enxergarmos as “pontes” (ou as pontas?) dessa “travessia”.

O processo de identificar as “pontes” na “travessia” dessa reflexão tem algo de devir, pois nem tudo se enxerga nessa “viagem”, muita coisa fica na fumaça do caminho. Portanto, as conclusões desse trabalho são tomadas como fios de uma teia que conformam

os sentidos e significados do ser um jovem diferente, questão refletida nesse trabalho. Apresentamos, pois, os pontos abaixo como considerações finais deste trabalho.

- Sem menosprezar as teorias acerca da adolescência e da juventude, podemos afirmar que a maior parte delas toma como base fontes ou pressupostos racionais, o que produz generalizações que nem sempre dão conta dos movimentos, devires e fluxos contraditórios e imprevisíveis que afetam os sujeitos, tomados como objetos dessas teorias. As teorias, como vimos, tendem a enquadrar dentro de referenciais identitários os objetos e sujeitos, muitas vezes desconsiderando o fato de que muitos pontos das singularidades subjetivas podem se situar aquém das estruturas do ego e das estruturas identificatórias (Guattari, 1996);
- Observamos que algumas teorias tratam as mudanças e conflitos dos adolescentes e jovens como fatos e situações ligadas a determinadas fases da vida, conformando uma identidade. As reflexões em torno do confeto “rosa-negra” sugerem que, independente da faixa etária e das características identitárias estabelecidas pela sociedade, os sujeitos, as sujeitas vivem devires, processos complexos, muitas vezes conflitivos, imprevisíveis e atemporais, que colocam em xeque comportamentos, atitudes e ações consideradas próprias de uma idade ou necessárias socialmente falando. Enquanto as teorias tratam essas mudanças e conflitos como fatos de uma determinada fase, o confeto revelou que isto pode estar associado aos desejos de singularidade, portanto a afirmação das diferenças de cada pessoa ou grupo;
- Uma das evidências proporcionadas pela reflexão, no que tange aos **sentidos e significados do ser um jovem diferente**, é que a diferença não estar na cor da pele (menino negro, menina negra), na etnia (menino índio, menina índia), na situação especial vivida pelos meninos e meninas (pessoas com deficiências), na condição social (menino pobre, menino rico), embora esses elementos sejam importantes e devam ser considerados. Está, sim, nas condições, oportunidades, espaços e possibilidades de viver seus devires, suas singularidades de forma livre, autônoma e criativa, enfim, de assumir uma subjetividade mais original e singular, que sintetiza um novo jeito de pensar e viver a vida; uma subjetividade que capte os elementos da situação, do

contexto e realidade de vida dos/das jovens e adolescentes, e através da qual os sujeitos, as sujeitas criam suas referências práticas e teóricas, vencendo as dependências em relação ao poder global, no nível econômico, do saber, no nível técnico, no nível das segregações (Guattari, 1996);

- Outro ponto importante, que pode ser destacado nesta parte final do trabalho, embora já tenhamos feito referência, é o que diz respeito à identidade. Sabemos que, em geral, as instituições, principalmente a família, a escola, a igreja – só para citar algumas – procuram enquadrar os jovens e adolescentes em determinadas categorias ou grupos identitários. Por trás desse fato está a visão de que todo o comportamento, relação social, sistema, grupo, tudo deve estar circunscrito a uma identidade. Esta visão se situa no contexto do CMI, cuja afirmação hoje se dá fortemente pela produção de uma subjetividade que visa “igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras [...] que impedem que se dê conta dos processos de singularização” (Guattari, 1996: 40). Segundo Guattari, essa produção da subjetividade assume várias funções, a saber: a da *culpabilização*, que consiste em oferecer uma imagem de referência a partir da qual colocam-se questões como “quem é você?”, “você fala em nome de quem?”, “a que corresponde sua fala?”; frente a essas imagens somos obrigados, ora pela pressão do sistema social, ora por instâncias de inibição, a nos sentir culpados porque não incorporamos determinados comportamentos e atitudes; a *segregação*, que, frente aos sistemas de hierarquia inconsciente, sistemas de escalas de valores e de disciplinarização criados pelo CMI, excluem aqueles indivíduos e grupos que não conseguem se situar nesses sistemas; a *infantilização*, que consiste em que tudo que se faz, se pensa ou se possa vir a fazer ou pensar seja mediado pelo Estado, ou seja, controlado socialmente. Portanto, a afirmação das identidades (controladas) serve para impedir os processos e a vivência das singularidades, pois elas modelam, classificam e categorizam os sujeitos e os grupos sociais;
- Finalmente, outro aspecto a destacar é que os processos de afirmação das diferenças, ou seja, das singularidades dos sujeitos e das sujeitas não ocorrem sem conflitos, de maneira harmoniosa e consensual, pois esses processos são produtos da história, da cultura, das relações de poder e das disputas de projetos ideológicos. Contudo, devemos ter o cuidado com as formas de luta e resistência, para não cair nas estratégias

tradicionais dos grupos que cooptam e capturam os desejos e interesses dos setores minorizados e os conduzem para projetos conservadores e de controle social, apoiados pelo sistema capitalístico.

4. Bibliografia

Corti, A; Souza, R (2004). *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa.

Deleuze, G.; Guattari, F (1992). *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34.

Deleuze, G; Parnet, C. (2004). *Dialogues* in Schopke, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. São Paulo: Edusp.

Guattari, F.; Rolnik, Suelly (1996). *Micropolítica, cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.

Gauthier, J.; Santos, I.; Petit, S. [et. al] (2005). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: abordagem Sociopoética*. São Paulo: Editora Atheneu.

Gonçalves, L. A. O (2004). *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica.

Grosso, Luiz Antonio (2000). *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL.

Matheus, T. C (2002). *Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século*. São Paulo: Annablume/FAPESP.

Matos, Kelma (2001). *Juventude e Escola: desvendando teias dos significados entre encontros e desencontros*. Fortaleza: UFC, 62-107.

Mclaren, P. (2000). *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez.

Melucci, Alberto (1997). *Juventude, tempo e movimentos sociais* in Peralva, Angelina; Rocha, Tatiana Gomes da (2004). *O dispositivo grupo: arriscando cartografar uma experiência em Psicologia Comunitária*. Monografia não publicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza (2004).

Silva, Rosane Neves da (2004). *Inventando uma outra psicologia social* in Fonseca, Tânia Mara Galli & Kirst, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografia e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS.

Schopke, Regina (2004). *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Silveira, Lia Carvalho (2005). *Abrindo as coisas e rachando palavras: a utilização dos dispositivos na Sociopoética* in *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: abordagem Sociopoética*. São Paulo: Editora Atheneu, 151-162.

Páginas seriadas

Abramo, Helena (1997). *Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil*. In: PERALVA, Angelina; SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs.). *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, no. 5 e 6.

Aguiar, Wanda Junqueira (2004). *A abordagem sócio-histórica* in *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 33-35.

Spósito, Marília Pontes. (Orgs.) *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Associação nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Mai e dez., n. 5 e 6, 5-14.

Petit, Sandra Haydée; Gauthier, Zanidê Jacques; Santos, Iraci dos; Figueiredo, Nélia Maria Almeida de (2005). *Introduzindo a Sociopoética* in *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: abordagem Sociopoética*. São Paulo: Editora Atheneu, 1-16.

Petit, Sandra Haydée. Soares, Rosileide de Maria Silva (2002). *Algumas considerações sobre as contribuições da Sociopoética à construção coletiva do conhecimento na pesquisa em Educação Popular*. Artigo publicado no CD Room da 23ª. Reunião da ANPED. Caxambu.

Spósito, Marília Pontes (1997). *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, no. 5 e 14.

Spósito, Marília Pontes (1996). *Juventude: crise, identidade e escola* in Dayrell, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 96-104.